



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



ENTRE O COTIDIANO E A MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CONTEXTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA

Girlandio Gomes Bomfim – Faculdade Vasco da Gama
girlandioface@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho busca analisar como o processo identitário é construído pelos moradores do território remanescente de quilombo da Graciosa, no município de Taperoá – BA. Desta maneira, optou-se pelo uso metodológico da pesquisa qualitativa baseada no estudo de caso com utilização da entrevista semi-estruturada, cujo desenvolvimento objetivou adentrar no cotidiano dos habitantes da localidade em questão, tendo em vista a necessidade do conhecimento mínimo a respeito do patrimônio cultural material e imaterial que integra a dinâmica rotineira dos atributos simbólicos que permeiam o pertencimento e a memória coletiva do povoado. Assim, perscrutar como no cotidiano a memória coletiva interage para formar a identidade destes habitantes no exercício das diversas manifestações culturais existentes, possibilita conhecer como a comunidade negra-rural em questão, utiliza tais atributos para evidenciar a partir do poder simbólico, a identidade enquanto categoria sociológica não estanque.

Palavras-chave: Cotidiano; Memória; Identidade.

INTRODUÇÃO

A compreensão do pertencimento do grupo social vinculado ao sentido de lugar, compreendido aqui como campo de interação entre sujeitos, permeia o conceito de patrimônio não restrito apenas aos bens elencados por uma pretensa elite cultural que busca homogeneizar a identidade, aos parâmetros espúrios do poder capitalista que por sua vez considera manifestações outras, apenas como folclore.

O fato de uma determinada identidade nacional por vezes desconsiderar outras formações de pertencimento, não anula tais exercícios culturais haja vista que, a dinâmica social e as especificidades do ser e estar no mundo demonstrar progressivamente nos bens culturais intangíveis, por exemplo, capilaridade suficiente para se contrapor à negação do direito a proeminência de determinada manifestação da cultura afrodescendente. Doravante isto, no cerne da questão em Graciosa, território remanescente de quilombo localizado no município de Taperoá baixo Sul baiano, têm-se a exclusão das diversas matrizes afrodescendentes formadoras da memória coletiva, inerentes ao entendimento de patrimônio enquanto sentido de lugar, celebração e continuidade da vida, verificadas nas instituições como a escola, prédios e monumentos públicos em que o marco da cultura local é ignorado pela exclusão absoluta do princípio da alteridade.

Na consecução dos atributos simbólicos, o lidar com a existência e explicação da realidade, a partir da ação e uso dos bens culturais não valorizados pelas políticas públicas no âmbito do município de Taperoá- BA, tem motivado os diversos agentes vinculados à continuidade do patrimônio local, a ação do poder de afirmação do negro a partir da sua identidade. O fato das lideranças agregarem vários sujeitos em torno de objetivos que explicitam as angústias e felicidades no passado e presente dão à memória, em seu contexto da reminiscência do tempo pretérito, certas condições para a construção do futuro próximo, em que a negação da cultura negra passa a ser progressivamente desconstruída por aqueles que reconhecem em sua formação identitária o desvelamento do cotidiano.

IDENTIDADE E MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DA COSMOVISÃO QUILOMBOLA

As conexões culturais que se delineiam a partir da oralidade, dão à memória característica ímpar a sua relação com o presente e, neste sentido, não se trata apenas do exercício da atividade mnemônica que todo sujeito utiliza no decorrer da vida. Pelo contrário, implica na recepção de um norte identitário em que o ideal de continuidade e adequação à emergência do

dia-a-dia, coopera para mutabilidade processual do legado cultural de um povo. A característica não estanque aplicada à cultura, permite que os participantes de seus componentes reiterem o próprio campo da dialética presente no movimento social, capaz de suscitar tanto no ato de recordar como na sua relação com o presente, a transformação daquilo que ouviu falar por um ancestral quando da sua correlação com a atualidade, na busca de se construir um atributo cultural vinculado ao futuro:

Ver é sempre ver um mundo codificado; logo, ver é processo contínuo e profundo de codificação, decodificação e recodificação. A realidade não é algo dado, mas estrutura simbólica instituída sócio-historicamente. Tanto a codificação como a decodificação são processos indispensáveis à existência das práxis sociais que conhecemos. Sem essas “operações” seria impossível manter a estabilidade da antroposfera que nos permite reconhecer o outro, reconhecer-se e reconhecer um mundo que nos cerca com suas funções, necessidades e valores. Ver enquadra-se, portanto, como uma das instâncias de interpretação inescapáveis do nosso entendimento do que é o ser social (CALDAS, 1999, p. 29).

Por se tratar de um conceito diversificado na perspectiva da Psicologia e outras ciências sociais, a memória constitui eixo fundamental das representações exteriores ao sujeito por exprimir não apenas as manifestações rotineiras da realidade, mas significar a importância de um fato ou instante em que a interação entre o “eu” e o meio social proporcionou à existência no campo da lembrança, marcos significativos e fragmentados da vida a partir da relevância dada a determinado episódio ocorrido no decorrer do convívio humano. Neste sentido, aprender implica estabelecer conexões culturais que se ligam e efetivam pela sociabilidade gerada na oralidade que para além da comunicação entre os sujeitos, representa o ordenamento do contexto social continuamente elaborado.

A oralidade enquanto ação humana vinculada à memória corresponde, ao veículo necessário para ao aprimoramento da cultura a partir da utilização dos mecanismos diversos de geração da coesão social no contexto da comunidade de Graciosa. Desta maneira, o sujeito ao relacionar os fatos passados com o contexto social e cultural vigente, exercita sua condição histórica subjacente à realização do ato de lembrar, pois o mesmo não realiza uma operação mental específica limitada apenas ao uso dos “arquivos” presentes nas estruturas mentais e

nos depoimentos dos antepassados. Pelo contrário, ele põe em evidência uma atividade complexa em que a correlação entre organismo e o espaço exterior implicam em uma ação direta da apreensão de parte da realidade, no intuito de atribuir a determinados momentos do convívio social, fundamental importância a instantes tidos como únicos e motivadores da identidade cultural.

Na verdade, a inter-relação entre memória e patrimônio cultural encontra-se precedida pela categoria antropológica *cultura* configurada como processos de criação, apropriação e ressignificação de valores e regras de convivência em que um determinado grupo social através do consenso assume colaborar com os aspectos constitutivos das características históricas reveladas na identidade coletiva dos participantes, através do conjunto e modos do exercício e interpretações da existência.

É neste contexto que se procura situar a memória e a oralidade fundamentada nas experiências que encerram a história particular de cada sujeito, cujo enfoque dado aos relatos se configura na referência dada ao termo patrimônio cultural, uma amplitude conceitual não alusiva apenas ao aspecto visível daquilo que pode ser comprovado por dados documentais, mas sim, a sua correlação com a complexidade que envolve a cultura. Por conseguinte, convém esclarecer que as formas de construções simbólicas, reprodução e modificação de determinadas características que dão ao homem a sua condição de sujeito, se encontram presentes também nos relatos orais e, não apenas nos monumentos históricos e demais manifestações que encerram certo domínio sobre algum aspecto cultural produzido, decorrente do relacionamento social.

Na verdade, a memória e a oralidade são mecanismos de socialização necessária à construção de um projeto coeso e futuro dos elementos culturais de um povo. Desta forma, numa comunidade remanescente de quilombo como a Graciosa, apresenta uma caracterização destas categorias que se definem no âmbito do aprimoramento do legado ancestral, de acordo às necessidades cotidianas e rotineiras do mundo rural, ainda que as transformações abruptas e as interferências do capital cooperem para eliminação de certos elementos da cultura do povoado e ratifiquem a manutenção de outros parâmetros identitários:

O negro se faz parte de uma terra singular, uma terra que possui e da qual é possuído. Sua história nela se inscreve e ele próprio, enquanto negro, nela – terra – encontra-se inscrito. A terra é, assim, um ser vivo de mesma natureza; sua relação com ela está centrada em ritos, mitos, lendas e fatos. Memórias que contam sua saga, revelam sua origem e

desvendam, além da própria trajetória, a vida em seu movimento (GUSMÃO, 2007, p. 145).

O território compreendido como síntese social e cultural de um povo e os sujeitos que nele habitam e o modificam continuamente incrementam no locutor pretérito que por sua vez e ao seu modo, o prazer ou a dor de recordar momentos felizes e tristes que notadamente marcaram a sua vida, os quais são relatados com dificuldade, lucidez ou imprecisão, e que aos jovens moradores possibilita construir novos rumos e direcionamentos a respeito das informações obtidas a partir das histórias de vidas. Portanto, não são meras informações sem significação alguma que são apresentadas em uma conversa informal; pelo contrário, correspondem a instantes da atividade mnemônica manifestada por pessoas, atores na verdade, que ao contribuir de algum modo para a representação do passado que não se encontra contido nos livros, agregam valores ao que foi perdido e agora é rememorado, objetivando a apropriação do saber ancestral pelos mais novos.

A história e o legado cultural da comunidade remanescente de quilombo da Graciosa, não é apenas uma tentativa de se retratar o passado ancestral a partir da oralidade. A capacidade de adaptação e organização do legado cultural no decorrer do tempo salienta aos moradores, a peculiaridade de dominar a partir de estruturas simbólicas de certa maneira assistemática, os atributos culturais necessários ao desenvolvimento de práticas e ações que se evidenciam na intervenção da realidade, de acordo com as habilidades e controle dos mecanismos de sociabilidade gerado pelos valores simbólicos constitutivos do padrão social específico da localidade.

As práticas culturais que norteiam o contexto do povoado representam no plano dos valores simbólicos, a estruturação das características que integram o encadeamento de manifestações provenientes da memória e oralidade que quando exercitadas, por exemplo, nas festividades religiosas integrantes do calendário anual de ritos populares, contribuem para o aprimoramento da cultura regional. Outrossim, este encontro de sujeitos que exercitam a sua prática simbólica num contato definido no decorrer das celebrações de cunho católico e afro-brasileiro, não restringem o componente valorativo da cultura ao campo da religiosidade em si, pois na agricultura familiar que ali se desenvolve, também as práticas simbólicas são elaboradas e aprimoradas mediante a singularidade e a pertinência da vida.

Retratar os aspectos integrantes da memória no cotidiano da Graciosa engloba elementos simbólicos que perpassam a construção contínua do cotidiano das pessoas que ali residem, ao demonstrar a ausência da dicotomia entre o exercício dos afazeres da vida e a necessidade em

superar os percalços da existência, a partir da sua relação intrínseca com o plano da religiosidade. Desta forma, as práticas, saberes, modos de ser e agir apresentam interações que dão sentido à vida a partir do desenvolvimento no presente e futuro sempre embasados no aprimoramento da ancestralidade.

Assim, o vínculo com a terra e o sentimento de perda ainda tão presente na memória coletiva dos moradores afrodescendentes, ainda integram a explicação dos contemporâneos que ao ouvirem dos ancestrais as reminiscências de outrora, rememoram ao seu modo estes fatos, permitindo assim, desenvolver a relação com o presente desigual em que os habitantes da região buscam obter na matriz produtiva do manguezal a sobrevivência. Portanto, a identidade e o território neste contexto se integram para forjar nestes sujeitos a síntese da matriz cultural e social em transformação constante, porém, com vinculação aos elementos da memória dos antepassados:

Grande mérito dos depoimentos é a revelação do desnível assustador de experiência vivida nos seres que compartilham a mesma época; a dos militantes penetrado de consciência histórica e a dos que apenas buscaram sobreviver. Podemos colher enorme quantidade de informações factuais, mas o que importa é delas fazer emergir uma visão de mundo.

Como arrancar do fundo do oceano das idades um “fato puro” memorizado? Quando puxamos a rede veremos o quanto ela vem carregada de representações ideológicas. Mais que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento (BOSI, 2004, p. 19).

O entendimento de como a concepção de mundo se constitui para os depoentes, perpassa pelo plano das representações sociais que por sua vez é condizente com as matrizes sócio-culturais não cristalizadas no tempo e em constante evolução, suficientemente capaz de dar sentido a existência dos sujeitos. Se o cotidiano exprime a cosmovisão perpassada pela memória, intervir na realidade invariavelmente está vinculado aos percalços da sobrevivência, relação familiar e organização da vida. Elaborar neste contexto, o marco e parâmetros provisórios da vida para os habitantes da Graciosa compreende correlacionar nos relatos, a matriz produtiva do território que foi drasticamente modificada da terra para o manguezal.

A organização do tempo e dos elementos integrantes da vida são absolutamente indissociáveis para a compreensão e integridade da realidade que cerca o sujeito. Interpretar a identidade em um território negro-rural requer adentrar numa perspectiva plural em que instituições e formas de ser são exercitadas e contempladas por outros prismas, diferentemente do padrão hegemônico de cunho eurocêntrico. Na verdade, a cosmovisão e marcos organizacionais da existência são fatores que prescindem e se sobrepõem às modalidades consumistas impostas pela mundialização da economia e pela fluidez temporal homogeneizadora dela decorrente.

Buscar no referencial pretérito significações para o entendimento da realidade, não significa agregar à identidade certa fixidez ou cristalização estanque dos marcos “civilizatórios” do grupo. Pelo contrário, permite desvelar novos caminhos a serem trilhados donde compreender o percurso dialético de outrora pode indicar interações e organizações simbólicas, suficientemente capazes de recriar a cultura de acordo as necessidades da vida.

A evocação do passado está intimamente ligada à identidade nos relatos dos moradores, a respeito da sua condição de vida atual. A maior relação com a terra anteriormente descrita pelos ancestrais e as argumentações dos contemporâneos a respeito da redução drástica de áreas agricultáveis, associada à modificação abrupta da matriz produtiva da localidade, a partir de conflitos fundiários, remetem a memória dos depoentes a certo período da História, ao buscar explicar no cotidiano, a exploração intensa do manguezal e as formas de ser e agir na evolução da condição de lavradores a marisqueiros (as) e pescadores (as) atualmente.

CONCLUSÃO

A compreensão do encadeamento dos elementos simbólicos que integram a cosmovisão dos sujeitos no decorrer da pesquisa permitiu conhecer como o cotidiano está intimamente ligado às construções do arcabouço cultural. Neste sentido, perscrutar a partir das memórias e reminiscências de outrora implica necessariamente conhecer como o aprimoramento do saber ancestral integra no convívio social, a dialética do lidar com a vida a partir de suas diversas facetas.

Lembrar tem sido um exercício profícuo dos sujeitos, ao correlacionar as dificuldades do presente com o legado ancestral de outrora. Por conseguinte, a associação das narrativas com a identidade vincula esta condição, ao sentimento de pertencimento do grupo social estudado bem como define os elementos culturais pela característica não estanque, portanto, sempre delineada pelas discontinuidades do presente que por sua vez se apoiam nos fragmentos do

tempo pretérito, para explicar as possibilidades ambicionadas pela vida, idealizadas sempre no porvir cuja esperança é a elaboração contínua do cotidiano.

Refletir sobre a perda de parte do território e na mudança do modo de subsistência significou retomar no passado, as consequências na vida contemporânea. Para os idosos e ancestrais que já se foram, a ruptura com a agricultura enquanto modo de produção elementar consistiu também na necessidade urgente em reelaborar condições básicas de intervenção crítica na realidade desigual com vistas a redimensionar, a condição do sujeito quilombola pelo viés contínuo da resistência.

Definir a identidade quilombola como mutável no decorrer do tempo implica afirmar que as modificações por ela sofrida estão sempre vinculadas ao modo de produção que assegura às famílias remanescentes de quilombo a sobrevivência.

Pensar a cultura, identidade e a memória requer romper com a concepção etnocêntrica do lugar hegemônico, ponto de celebração do atributo cultural que busca negar as especificidades de determinado grupo social. Longe de conceber a cultura quilombola em questão como cristalizada, a ação descrita busca contribuir de forma humilde, mas objetiva, a respeito da descolonização do pensamento e reconhecimentos de matrizes identitárias por séculos negadas que aqui são retomadas pela face quilombola, enquanto objeto de afirmação no decorrer do tempo.

As representações de si e do mundo evidenciam como a perspectiva de sujeito avança no decorrer do tempo, mediante a correspondência nas formas diversas que exercitam os atributos identitários e históricos, no intuito de aprimorar a prática da coexistência entre os habitantes que integram a comunidade da Graciosa. Desta maneira, no contexto da realidade as representações sociais que permeiam a cosmovisão dos que ali residem integra nos diversos lugares de celebração a configuração do patrimônio imaterial absolutamente elaborado para associar no âmbito do trabalho local a cultura enquanto prática semiótica cuja significação corresponde a explicitação das relações sociais com a vida e o plano das práticas integradoras ao saber local.

Compreender os processos que se desenvolve em Graciosa acima descritos, correspondem a possibilidades do aprimoramento da cultura de um povo que por sua vez é condição inalienável do sujeito quilombola. Neste sentido, as vivências passadas relatadas com imprecisão, reintegram à contemporaneidade a relação com o presente, para contribuir então com a apropriação dos elementos culturais que dão suporte a construção de novas identidades. Doravante a isto, a memória também é uma proposta de construção do presente a partir das determinações aprendidas no passado retratado por alguns membros do grupo, pois o imediato

da existência não é absolutamente dado, mas sim elaborado e aprimorado a partir de pressupostos socialmente construídos. Por isso, a memória também apresenta a funcionalidade de contribuir para a manutenção de certos traços inerentes à cultura da comunidade que ao interagirem com o dinamismo do dia-a-dia, encerram na atualidade os aspectos da percepção de homem e mundo no decorrer da evolução dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 12^a Ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade texto e história**: para ler a história oral. São Paulo: Edições Loyola: 1999.

GUSMÃO, Neusa Mendes. Herança quilombola: negros, terras e direitos. In. BARCELAR, Jerferson & CAROSO, Carlos (Orgs.). **Brasil**: um país de negros?. 2^a Ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador, CEAO: 2007.